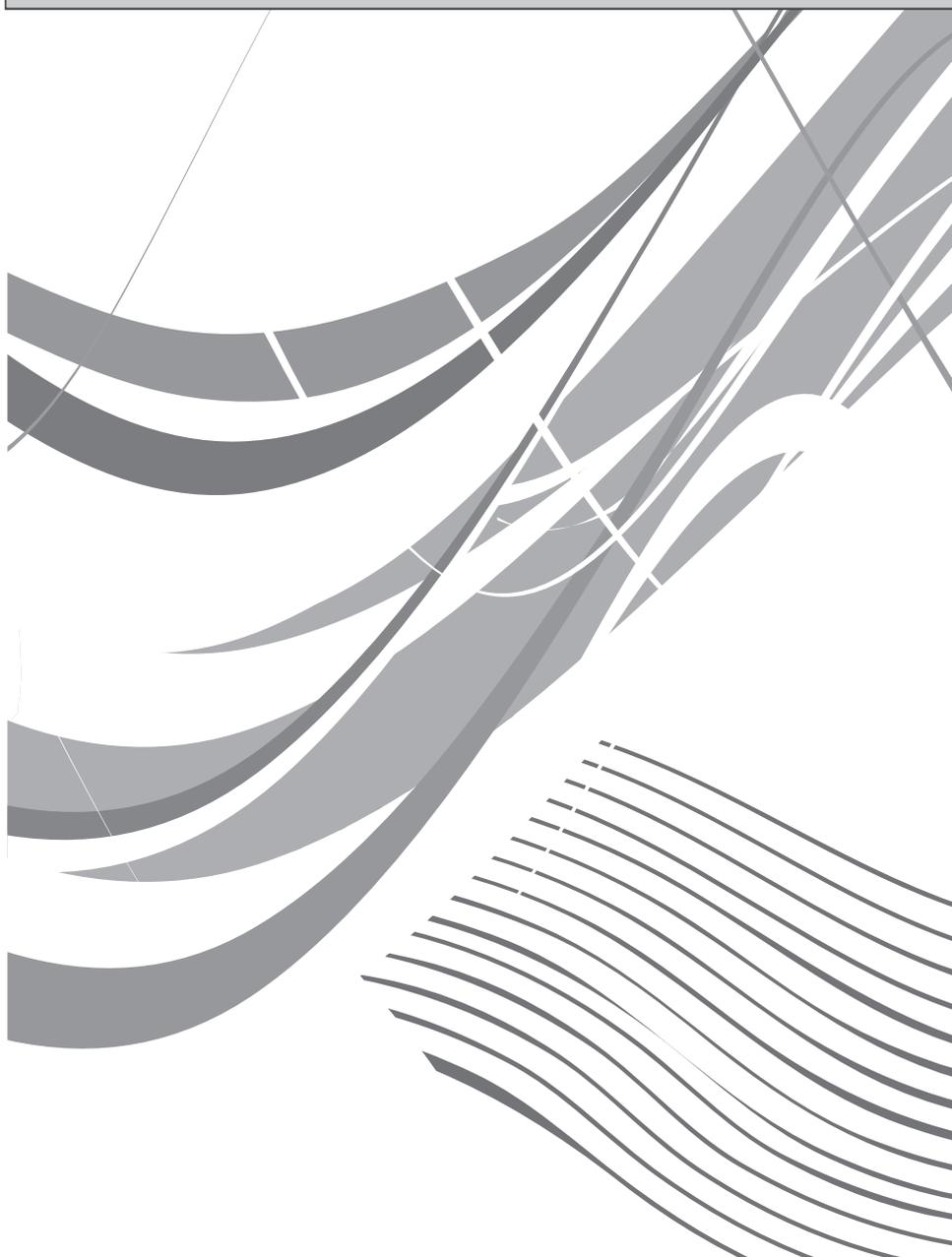


Revista

Tempo, Espaço e Linguagem



MONUMENTO IRMÃ AMBRÓSIA: A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR SAGRADO

The Sister Ambrosia Monument: the memory in the construction of a sacred place

Monumento a la Hermana Ambrosia: La memoria en la construcción de un lugar sagrado

Vera Maria Benzak¹

1. Especialização em História, FAFIUV - União da Vitória. Orientadora: Prof^a Ms Leni Trentim Gaspari, Curso de História - FAFIUV.

BENZAK, V. M. Monumento Irmã Ambrósia: A memória na construção de um lugar sagrado. *Revista Tempo, Espaço, Linguagem*. Irati, v. 03, n. 03, Set-Dez. p. 114-132, 2012. ISSN 2177-6644

Resumo

O presente artigo propõe-se a analisar o monumento enquanto lugar de memória, tendo em vista que ele pode revelar crenças e valores de grupos sociais no qual está inserido. Nestes termos, salientamos inicialmente que os monumentos são construídos geralmente para celebrar ou relembrar algum episódio ou momento da história e, conseqüentemente, conforme a importância que este teve para determinada sociedade, as memórias continuam vivas entre as pessoas. A pesquisa focaliza o monumento da Irmã Ambrósia, localizado em Rio das Antas, município de Cruz Machado.

Palavras-chave

Memória. História local. Religiosidade.

Abstract

This paper aims to analyze the monument as a memory, considering that it may reveal beliefs and values of social groups in which it is inserted. Accordingly, we note initially that monuments are built usually to celebrate or remember some episode or moment of history and, consequently, according to the importance it had for a given society, the memories remain alive among the people. The

research focuses on the monument of Sister Ambrosia, located in Rio das Antas, municipality of Cruz Machado.

Keywords

Memory. Local history. Religiosity.

Resúmen

Este artículo tiene como objetivo analizar el monumento como recuerdo, con el fin de que pueda revelar las creencias y valores de los grupos sociales en los que se inserta. En consecuencia, observamos, en primer lugar, que los monumentos se construyen generalmente para celebrar o recordar algún episodio o momento de la historia, y como resultado de la importancia que se había dado a la sociedad, los recuerdos siguen vivos entre la gente. La investigación se centra en el monumento de la Hermana Ambrosia, ubicado en Rio das Antas, municipio Cruz Machado.

Palabras clave

Memoria. Historia local. Religiosidad.

Introdução

Ao iniciar as discussões dessa pesquisa, cabe ressaltar primeiramente, a relevância do fato histórico para a história, que se apoia nestes e nas suas evidências que são as fontes. O fato histórico aqui mencionado refere-se a um acontecimento notável do passado e que influencia, de certa forma, o pensamento de determinada comunidade na atualidade. Para tal abordagem, Glénisson (1986) aponta, de modo amplo, que os fatos por se considerar como elementos da realidade, cuja existência é incontestável, podem servir ao historiador como base a raciocínios ou hipóteses. De acordo com o autor, os fatos devem ter uma importância considerável, não bastando que apenas existiram, mas é preciso que essa existência tenha se manifestado, e isso ocorre pelas interpretações a eles dadas pelos homens que as adotam, sendo que este é ainda um fenômeno de opinião. Ainda de acordo com Glénisson (1986), é no domínio da história religiosa que os fenômenos de opinião surgem principalmente em decorrência dos mitos e crenças que passam a existir em torno deles.

Nessa perspectiva, a temática abordada no trabalho refere-se a um monumento de pedras, conhecido como Monumento da Irmã Ambrósia,

está situado em Rio das Antas, interior do município de Cruz Machado. Rio das Antas é, uma colônia de imigrantes ucranianos, localizada a seis quilômetros do centro da cidade. Nesta comunidade funcionava uma escola primária, criada em seis de fevereiro de 1934. O estabelecimento de ensino era dirigido pelas Irmãs Servas de Maria Imaculada, que mantinham um internato para crianças em idade escolar. As Irmãs acolhiam as crianças principalmente em função da distância de suas casas, o que dificultava a frequência escolar.

Entretanto, na madrugada do dia 28 de fevereiro de 1943, ocorreu um incêndio no internato. Os meninos que dormiam no andar térreo acordaram e conseguiram sair ilesos do incêndio, porém as meninas e Irmãs que dormiam no andar superior não tiveram a mesma sorte e foram consumidas pelo fogo. De acordo com Pachechenik (2006), naquela noite junto com as meninas estavam quatro Irmãs: Ambrósia, Nila, Teofilacta e Metódia, sendo que três Irmãs saltaram pela janela, de uma altura de seis metros. A primeira a saltar foi a Irmã Teofilacta que fraturou a espinha, vindo a falecer três semanas após o incêndio. Irmã Metódia e Nila sofreram alguns ferimentos, mas sobreviveram, e a Irmã Ambrósia morreu queimada juntamente com seis meninas, tentando salvar a vida das crianças neste incêndio. No local do trágico acontecimento foi erguido um monumento de pedras para que o fato fosse sempre lembrado. A análise desse objeto se torna profícua em função de estar ligado à História de Cruz Machado, pois foi em Rio das Antas que se estabeleceram os primeiros imigrantes ucranianos. Este é um espaço de memória em função do incêndio e morte da Irmã e das meninas, que são sempre lembrados através do monumento e, por fim, este revela ainda a religiosidade e a fé que há no local, muito visitado atualmente por peregrinos de várias regiões.

Inicialmente é importante conhecer um pouco da vida da Irmã que se tornou mártir para a sociedade de sua época. Essa visão ainda permanece na atualidade. Conforme ressalta Pachechenik (2006) Ana Sabatovycz nasceu em 20 de agosto de 1895 em Turyinka, uma aldeia do município de Zhovkva na Ucrânia Ocidental. Seus pais, Nicolau Sabatovycz e Justina Skoropad, saíram da Ucrânia em busca de melhores condições de vida em outro país. Foi no ano de 1895 que essa imigração teve início e que chegou ao Brasil a primeira leva de ucranianos vindos da Galícia (Ucrânia ocidental).

Ao chegar ao Brasil, a família da Irmã Ambrósia, como a de vários imigrantes, recebeu terras para cultivar. Conforme ressalta Pachechenik (2006) durante a infância e adolescência, Ana recebeu em casa e na escola

noções de leitura e escrita nos dois idiomas, ucraniano e português. No dia 28 de agosto de 1917, Ana entrou para o noviciado das Irmãs Servas de Maria Imaculada, e em fevereiro do ano seguinte ela vestiu o hábito religioso, e conforme o costume da época, adotou o nome religioso de Irmã Ambrósia.

O alicerce da pesquisa consiste também na utilização da história oral, um instrumento essencial para a análise do passado, e que proporciona uma visão detalhada de algum acontecimento. De acordo com Alberti (2004) uma entrevista de história tem vivacidade:

Como em um filme, a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através deste pedaço temos a sensação de que o passado está presente. A memória, já se disse, é a presença do passado. (ALBERTI, 2004, p.15).

A entrevista de história oral consiste na experiência de um sujeito, e tem como base essa experiência concreta, histórica e viva. Alberti (2004) aponta ainda que uma das principais vantagens de utilizar essa metodologia nas pesquisas deriva justamente do fascínio do vivido, ou seja, a história oral possui um elevado potencial de ensinamento do passado porque deslumbra com a experiência do outro. Também em função de viver-se em uma sociedade em que a comunicação é muitas vezes fragmentada, há necessidade de formas tradicionais de explicação, ou seja, nas narrativas orais que são transmitidas de gerações mais velhas para as mais novas é que se concentram muitos dos significados da sociedade, principalmente para a conservação da identidade de um grupo.

ALGUMAS ANOTAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA CIDADE DE CRUZ MACHADO

Antes de analisar-se o monumento da Irmã Ambrósia, cabe analisar o contexto histórico no qual este está inserido. A partir desse pressuposto, ressalta-se o processo imigratório, partindo de uma concepção mais ampla deste. Entretanto, não há a pretensão de discutir esse assunto em sua totalidade, mas somente apontar alguns aspectos importantes para compreender-se o contexto desta pesquisa. Em meados do século XIX, o território paranaense era ainda uma região mal povoada, e de acordo com Wachovicz (2002), a partir de 1850, com a lei de Eusébio de Queiroz, que proibia a entrada de escravos africanos no Brasil, o trabalho braçal tornava-se mais difícil. Devido

a essa lei, e conseqüentemente à falta de mão de obra, na década de 1850 a produção de alimentos começou a decair, sendo esta a primeira grande inflação da história brasileira. Em função disso, para substituir essa mão de obra, o governo resolveu acelerar o processo de imigração. Foram várias as tentativas migratórias, e a maioria fracassou.

Foi no governo de Taunay, em 1885, que houve maior incentivo neste processo, pois Taunay via nos imigrantes europeus a solução para o progresso do país. Por isso, organizou inúmeras sociedades de imigração nos municípios do interior, com o objetivo de estimular a colonização do Paraná. Conforme Wachowicz (2002) aponta, em 1885 a revolução federalista¹ paralisou o serviço de imigração para o Estado e este foi retomado em 1907. Nesse momento foram atingidas terras mais afastadas, surgindo então as novas colônias federais, a de Senador Correa (1907), Irati (1908), Vera Guarani (1909) e Cruz Machado (1910), sendo que a etnia predominante nestas colônias foi a polonesa, ucraniana e a alemã.

Segundo Wanderley Machado (2005), o novo século trouxe forças político-econômicas que provocaram em todo planeta distúrbios sociais de grande significado. Rebeliões internas e guerras envolvendo várias nações desestabilizaram as populações e iniciaram uma onda migratória por todo o território europeu e mundial. Nesse sentido, o Brasil surge para os imigrantes como esperança de recomeço e liberdade, sendo que o Paraná aparece como um estado promissor, que apoia a entrada dos estrangeiros com o objetivo de avançar para o interior o movimento colonizador.

Romário Martins (1995) ao explorar o povoamento do Paraná, descreve as colônias que surgiam no Estado, citando o município de União da Vitória, que se originou em 1770, e Cruz Machado, que na época era seu distrito, ficando a 10 léguas de União da Vitória. Em relação a isso, o autor ressalta que:

Seu maior distrito, a ex-colônia Cruz Machado, foi iniciada com 9.681 povoadores polacos, alemães, russos e nacionais, que se dedicavam à extração da erva mate e à produção de cereais. Dentre estes sobrepõe a do trigo, cuja progressão de hectares cultivados durante a cruzada de trigo foi em 1928,

1. A Revolução Federalista aconteceu no Rio Grande do Sul. Seu início deu-se no ano de 1893 e perdurou até 1895, envolvendo os mais importantes grupos políticos: os Federalistas, conhecidos como maragatos, e o Partido Republicano, também chamados pica-paus. Em junho de 1892 Julio de Castilho (republicano) foi proclamado presidente daquele estado, os federalistas não aceitaram e reagiram, colocando na rua cerca de seiscentos homens. Várias outras batalhas ocorreram, sendo as mais conhecidas as da Lagoa Branca e a Restinga da Jararaca, culminando na vitória dos Maragatos. Durante a Revolução Federalista, o Estado do Paraná foi palco de vários combates, já que em seu território se deu o encontro entre tropas federalistas e legalistas, na cidade de Lapa.

de 880 e em 1929, de 1.090 e em 1930, de 1.210. (MARTINS, 1995, p. 373).

De acordo com Irene Rockembach (1996), a 19 de novembro de 1910, foi fundado o Núcleo Colonial Federal Cruz Machado, tendo como seus primeiros habitantes os imigrantes poloneses e ucranianos. Em 22 de fevereiro de 1918 foi elevado à categoria de Distrito Judiciário e em 14 de novembro de 1951 à categoria de município, sendo então desmembrado de União da Vitória. A efetivação do município deu-se no dia 14 de dezembro de 1952. Alguns grupos de imigrantes poloneses se estabeleceram em Pátio Velho, antiga sede de Cruz Machado, e de acordo com Rockembach (1996), devido às condições precárias, a comunidade é atingida por uma epidemia de tifo, em que morreram muitas pessoas, e a colônia de poloneses não atendia à demanda de sepultar os que faleciam.

Outro contingente de imigrantes ucranianos chegou a Cruz Machado vindo de Mallet entre os anos de 1911 a 1912. Estes se estabeleceram em Rio das Antas, Linha Xarqueada e Linha União. Uma das primeiras ações tomadas pelos novos moradores foi de construir uma Igreja:

Os moradores de Rio das Antas, Xarqueada, Itapema e Linha União, combinaram juntos de construir uma Igreja Católica em Rio das Antas, para favorecer a todos pela distância e iniciaram a construção no ano de 1920. Terminaram no ano de 1925. Demorou esta construção porque tudo era difícil, pois não tinha boas estradas nem recursos. Esta Igreja recebeu o nome de Cristo Rei. Em Rio das Antas já havia alguns moradores, tais como João Woicikovski que doou o terreno para construção da Igreja e outros colonos vindos então Marechal Mallet. (ROCKEMBACH, 1996, p. 101)

Percebe-se a devoção e religiosidade que os imigrantes trouxeram consigo a pátria natal, entendendo-se que a fé foi um estímulo para recomeçar a vida, quando chegaram ao Brasil. Logo após o término da construção da Igreja, chegaram a Rio das Antas três Irmãs Servas de Maria Imaculada para ensinarem catecismo às crianças, zelar pela Igreja, ensaiar cantos religiosos e tudo mais que era necessário. Sobre isso Rockembach aponta que:

Em Rio das Antas os colonos desse local e arredores construíram uma escolinha provisória de madeira, logo junto a Igreja. Depois o senhor Pedro Paulo Rockembach instalou a serraria e serrou madeira para um colégio maior, com mais um andar, aonde vieram Irmãs Servas de Maria, as quais davam aula de religião, catecismo e todas as outras matérias de português até o 4º ano. Como também ucraniano aos filhos dos imigrantes. (ROCKEMBACH, 1996, p.107).

Havia uma preocupação inicial dos imigrantes, de construir uma Igreja, pois estes tinham muita fé, também preocupavam-se com a questão da educação. O Colégio Cristo Rei foi, de acordo com Irene Rockembach (1996), uma das primeiras escolas de Cruz Machado. A autora ainda descreve em seu livro *Dados históricos e memórias de Cruz Machado*, a imigração no município, ressaltando que os colonos cultivavam milho e feijão no início, depois que o espaço já estava um pouco mais desmatado, começaram a semear trigo e centeio, mas como não havia moinho, faziam um pequeno moinho a mão que chamavam de *giorna*, no qual faziam fubá, quirera e canjica.

A vida dos imigrantes foi extremamente difícil, pois passaram por grandes dificuldades, conforme aponta Rockembach (1996). Quando precisavam de mantimentos ou outros objetos para sobrevivência juntavam-se em um grupo de até seis homens, e partiam a pé até Mallet, pois havia somente caminhos que poderiam passar a cavalo ou caminhando. Para melhorar ou abrir estradas, os moradores de uma mesma linha combinavam-se marcando um dia da semana, cada um levava a ferramenta que possuía e alguns meses depois já havia estradas para facilitar o transporte dos produtos para a venda na cidade.

BREVE HISTÓRICO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS SERVAS DE MARIA IMACULADA

Para compreender a fé que as pessoas depositam na Irmã Ambrósia, apresenta-se a história da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada, enfatizando seus fundadores, a chegada ao Brasil e as primeiras missionárias. Nestes termos, para fundamentar o histórico utiliza-se a *Revista Comemorativa Servas de Maria Imaculada 100 Anos de Presença de Missão das Irmãs no Brasil*. A história da Congregação começa em maio de 1891, quando padres Basilianos pregavam missões na aldeia de Zuzhel, distrito de Sokal, na Ucrânia Ocidental, na ocasião um grupo de jovens manifestaram interesse de entrar para a vida religiosa.

Estas jovens tiveram o apoio do missionário Jeremias Lomnytsky que convenceu o padre Cirilo a oferecer o território de sua paróquia como sede da nova Congregação, que daria continuidade ao trabalho dos missionários. Assim:

Padre Jeremias também decidiu procurar a jovem Miguelina Hordashevskya, que anteriormente havia lhe falado do seu interesse em fazer parte de uma ordem religiosa. O sacerdote a convidou para ser a co-fundadora da nova congregação. Entendendo o alcance do projeto e refletindo sobre as necessidades espirituais de seu povo, ela entregou-se com espírito de doação à grandiosa ação. Foi acolhida pelas Irmãs Felicianas em Jovkva, onde recebeu a primeira formação e fez uma experiência de vida religiosa ativa preparando-se assim para a sua missão. Em 24 de maio de 1892 recebeu o hábito religioso e adotou o nome de Josafata. (2011, p. 11).

Logo em seguida, mais sete jovens da aldeia de Zuzhel deram início à nova Congregação religiosa feminina que se voltava principalmente para o trabalho pastoral. Em 1892, acontece a inauguração da nova casa das Irmãs Servas de Maria Imaculada. Entretanto, o trabalho da Congregação não se ateve somente à Ucrânia, espalhou-se por outros países em que havia imigrantes ucranianos. Em função disso, chegaram ao Brasil sete religiosas em 11 de abril de 1911, com a missão de auxiliar os imigrantes ucranianos em suas necessidades.

Na chegada as religiosas, dividiram-se em duas regiões, quatro delas (Irmãs Volodomera Pinhonzhek, Anatólia Bodnar, Eumélia Klapoushchak e Sofia Ramatch) foram para Prudentópolis, no Paraná, e três Irmãs (Olga Lukatch, Helena Kutcher e Salomia Kovalyshyn) para Iracema, Santa Catarina. Na Revista Comemorativa dos 100 anos da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada é feita uma descrição de chegada ao Paraná:

Um grupo de jovens aguardava as missionárias para recepcioná-las em Prudentópolis. A 15 quilômetros do município, a comitiva foi saudada por fogos de artifícios e por 12 cavaleiros festivamente enfeitados. Em Prudentópolis, os habitantes da vila se perfilavam nas ruas para receber as tão esperadas Irmãs que chegavam de carroça à meia noite. (2011, p. 13).

Pelo trecho, que descreve a recepção que as Irmãs tiveram do povo, percebe-se a falta que a religião fazia aos imigrantes ucranianos, já que a vida deles foi árdua nas terras brasileiras, passando por muitas dificuldades, pois não havia condições de saúde, moradia adequada, escolas, etc. Com a chegada das Servas de Maria Imaculada, uma das primeiras benfeitorias das missionárias foi a abertura de escolas nas colônias em que chegaram.

De acordo com Rockembach (1996), a escola Cristo Rei, de Rio das Antas, foi criada em 21 de agosto de 1934, sendo fundada pelo padre Emiliano Ananewich, vigário de Mallet e pelo povo local, na qual as Irmãs Servas

de Maria Imaculada lecionavam e atendiam a comunidade ucraniana em suas necessidades. No momento da criação da escola iniciaram os trabalhos duas Irmãs: Eustachia Melania Uhren e Gregória Anastacia Nahirnhak. Posteriormente vieram mais missionárias para atender à comunidade. A Escola Cristo Rei, foi fechada em 2012 devido a número reduzido de alunos, entretanto, as Irmãs Servas de Maria Imaculada continuam em Rio das Antas catequizando, visitando doentes e idosos e também conduzindo orações com peregrinos que visitam o monumento e o túmulo da Irmã Ambrósia.

A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA PELO MONUMENTO DA IRMÃ AMBRÓSIA

O propósito de um monumento é essencial, ou seja, não se trata de apresentar ou somente passar uma informação neutra, mas o objetivo é o de tocar pela emoção uma memória viva. Choay (2006), a esse respeito comenta que chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para que outras gerações lembrem um acontecimento ou crença. Com isso:

[...] A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança [...]. (CHOAY, 2006, p. 18).

A última frase da citação acima pode ser associada ao objeto desta pesquisa, tendo em vista que, para a comunidade, o monumento é um dispositivo de segurança, pois é isto que as pessoas procuram nesse espaço. Portanto, toda a simbologia que se criou em torno do monumento depende principalmente de que essa história não seja esquecida, pois alguns fatos ocorridos em uma determinada comunidade podem deixar lembranças que, em função dos impactos provocados no povo do lugar, ficam gravadas no coletivo, perpetuando-se. Neste caso, a memória torna-se indispensável para que essa história e conseqüentemente a manifestação e a representação do simbolismo permaneçam no local. Assim:

A habilidade de interpretar os objetos e fenômenos culturais amplia a nossa capacidade de compreender o mundo. Cada produto da criação

humana, utilitário, artístico ou simbólico é portador de sentidos e significados, cuja forma, conteúdo e expressão devemos aprender a ler ou decodificar [...]. (HORTA, 1999, p. 9.

O monumento enfocado, possui um significado religioso fundamental para as pessoas que o frequentam, sendo que acaba se constituindo-se numa referência a um momento histórico e cultural de um povo, tornando-se um instrumento da memória coletiva. O monumento enquanto símbolo constitui, portanto, um importante elemento no processo de manutenção da identidade religiosa do lugar. Em relação a isso, Alberti (2004) assinala a concepção de Michael Pollak, e segundo este, a memória resiste à mudança e se torna essencial na percepção de si e dos outros, ela é o resultado de um trabalho de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade e continuidade, ou seja, a identidade.

O referido monumento foi construído para assinalar um acontecimento marcante na história da comunidade ucraniana de Cruz Machado. Trata-se de uma construção de pedras, tendo no alto uma cruz e uma placa contendo o nome da Irmã e das meninas que faleceram junto com ela. O monumento da Irmã Ambrósia não foi criado com o intuito de embelezamento como ocorre com a maior parte das edificações encontradas nas cidades. Este, ao contrário, tem um fim, um objetivo que demanda da sociedade como um todo, possuindo acima de tudo um status de símbolo religioso.

Através da análise do simbolismo que se concretiza em torno do monumento, identifica-se a necessidade das pessoas buscarem apoio nos locais que se tornam sagrados, principalmente na sociedade moderna que possui relações, por vezes, fragmentadas. Para compreendê-las, as pessoas necessitam buscar o sentido das coisas, modelando assim, a consciência espiritual da comunidade, na medida em que as pessoas creem nos símbolos.

O sagrado também é uma manifestação cultural, pois afirma-se no espaço, na paisagem e na região. Conforme salienta Rosendhal (2008) “[...] o processo de construção do lugar sagrado envolve esforço e cooperação da comunidade religiosa [...]” (ROSENDHAL, 2008, p.79), pois há uma relação entre a política da comunidade e a construção do lugar sagrado. Nesse sentido, tais lugares são reconhecidos também por fornecerem regras e significados nos quais a comunidade encontra sentido para suas práticas religiosas. O espaço no qual se encontra o Monumento da Irmã Ambrósia representa um fervor místico, que é revelado a partir da fé que ali é depositada pelos devotos.

Percebe-se a questão da crença popular atribuída ao monumento no

relato do Padre Irineu Vaselkoski, pároco da Paróquia Exaltação da Santa Cruz – Rio das Antas:

Vivemos num mundo secularizado, muito voltado ao materialismo, ao consumo, e tudo isso afastou um pouco o povo de Deus... De outro lado o grande consumo de produtos industrializados, o uso excessivo de medicamentos compromete a saúde de muitas pessoas, que vivem estressados, adoentados, deprimidos, sem esperança. Tudo isso muitas vezes leva as pessoas a um enorme vazio. E isso leva as pessoas à buscar ajuda divina, ajuda espiritual, e nesta busca são orientados a visitar estes lugares, rezar aos santos pedindo ajuda por sua intercessão. O mesmo processo traz as pessoas para Rio das Antas. A fama de santidade de Irmã Ambrósia, a sua vida consagrada totalmente voltada ao amor ao próximo a sua morte heroica nesse lugar transformou esse lugar num lugar de peregrinação, um símbolo religioso. (VASELKOSKI, 2012).

No relato acima percebe-se a importância devocional do lugar, ao qual as pessoas vão rezar, levar velas, fazer pedidos. A atitude de amor e desprendimento da Irmã Ambrósia, permanecendo no prédio e tentando salvar a vida das crianças a transformou, no imaginário coletivo, em mártir perante a sociedade da época e essa visão ainda permanece na lembrança e na memória dos antigos e novos moradores. Pode-se entender isso por um trecho de uma biografia da Irmã Ambrósia, no qual Pachechenik (2006) salienta que “[...] o seu gesto de heroísmo, procurando salvar as Irmãs e as crianças naquele horrível incêndio, não brotou de repente, mas foi crescendo e se robustecendo com o passar dos anos, à medida que ela crescia em estatura e graça diante de Deus e dos homens.” (PACHECHENIK, 2006, p.22). Nesse momento destaca-se a entrevista concedida pela senhora Paulina Bogonos Waligura, irmã da menina Lídia Bogonos, que faleceu no incêndio. Ao perguntar sobre a Irmã Ambrósia, ela informa que a havia conhecido, relatando o seguinte:

O que eu vou dizer, ela era muito boa e daí quando todo mundo queimou na escola, todo mundo sentiu muita falta, e ninguém pode dizer alguma coisa que ela, que fosse, que fez falta [...]. Ela era minha professora e eu parei de andar na escola em 41 e quantos anos já faz já, faz uns 60 anos que eu parei de andar na escola, to com 83 anos agora, e eu tinha 11 anos quando parei de andar na escola. E depois, no que eu parei de andar na escola a minha irmã Lidia começou, daí nos tava em casa, com três semana as crianças queimaram, só com três semanas quando tavam lá. Ainda sorte que meu pai e minha mãe foram visitar eles e o padre Preima era também muito fraquinho e daí até vieram buscar o padre latino aqui da Igreja da Matriz para ajudar a sepultar, porque juntaram sabe só carvão e sabiam onde que tava Irmã Ambrósia porque o crucifixo tava com ela e daí eles sabiam qual era a Irmã Ambrósia. Tavam apagando o fogo e sabiam qual era Irmã Ambrósia porque crucifixo dela tava junto com ela e assim depois as crianças ponharam

tudo numa caixa só, isso era só carvão. A minha mãe e meu pai tavam tudo junto quando tavam juntando esses ossinho, esses carvão, porque era triste dessas crianças do jeito que aconteceu. (WALIGURA, 2012).

Verifica-se a forma carinhosa e sentida com que a entrevistada fala da Irmã Ambrósia. O Padre Clemente Preima, que é mencionado no relato, atendeu a Paróquia de Rio das Antas entre os anos de 1942 a 1944. (Rockembach, 1996). Ainda, durante a entrevista, muitas vezes a senhora Paulina mencionou que a Irmã Ambrósia possuía grande bondade, e que ninguém poderia dizer o contrário, pois a Irmã sempre procurava atender as pessoas da melhor forma possível, principalmente aos doentes, já que ela era responsável pela farmácia. Como não havia médicos na época, o povo procurava ajuda com ela. Pode-se enfatizar ainda que este acontecimento traumatizou a tal ponto que marcou um grupo todo, pois a memória desse evento, principalmente das pessoas que vivenciaram o fato, pode transmitir essa lembrança à posteridade. O Monumento da Irmã Ambrósia foi edificado pela comunidade com a finalidade de rememorar ou fazer com que outras gerações rememorem o fato que ocorreu no passado.

Em relação ao propósito que demanda de um objetivo de fazer recordar a própria palavra monumento possui, de acordo com Le Goff (2003) origem latina-*monumentum*- e remete à raiz indoeuropeia *men*, que exprime uma das funções essenciais se tratando da memória. O verbo *monere* significa fazer recordar. Portanto, o monumento é um sinal do passado, por suas origens filológicas deve ser considerado como sendo herança deste e em função disso é material da memória, portanto pode evocar o passado e principalmente a recordação.

O monumento é também um lugar de peregrinação, e de acordo com Rosendahl (2008) a natureza do ato de peregrinar está relacionada à devoção religiosa de visitas a lugares sagrados. Esses locais representam um caminho de devoção, de ação de graças. O autor aponta ainda que o sagrado está articulado à prática cultural do grupo religioso e que os devotos demonstram na peregrinação um desejo de ir ao encontro de Deus. O espaço sagrado tem uma carga simbólica, que seria o fervor místico, o misterioso e o milagre. Tais locais possuem uma rica simbologia que é expressa através das práticas de visitar o monumento, fazer e pagar promessas. Em Rio das Antas, todo dia 28 de cada mês (data que marca o dia do incêndio em 1943) é realizada uma missa que reúne fiéis, devotos e o povo local.

Como já foi mencionado anteriormente, o Monumento da Irmã Ambrósia é muito visitado pelas pessoas que buscam orações e graças e fazem pedidos. Essa devoção apresenta-se da fala da senhora Paulina Bogonos Waligura:

Eu que sei tem muitos, mas a gente do jornal a gente lê, mas gente esquece, muitos tem que rezam para Irmã Ambrosia, a gente todo dia reza, não tem dia que gente não reza para Irma Ambrosia. Nós temos algumas fotografias [...]. Temo alguma reza para Irmã Ambrosia, só que agora eu não enxergo bem, daí não posso ler, mas eu sei tanta gente que pede graça e recebe graça da Irmã Ambrósia. Também quem tem fé recebe graça, eu tenho fé na Irmã Ambrosia e no padre Nivaldo. Padre Nivaldo também era muito bom para cá, o primeiro padre que veio trazer para mim santa hóstia para casa porque eu não posso caminhar, daí o padre Nivaldo vinha e padre Irineu também vem. Mas gente sente muita falta daquela escola que tinha. Acho que a Irmã Ambrósia e o padre Nivaldo são santo, tão no céu rezando por nós. (WALIGURA, 2012).

Por meio da entrevista da senhora Paulina, entende-se que apenas recebem graças as pessoas que têm fé na Irmã Ambrósia. Assim, pode-se avaliar o simbolismo religioso pelo respeito e fé que a comunidade atribui o monumento, pois esse simbolismo, usando as palavras de Clifford Geertz (1986) “[...] ancora o poder de expressarmos emoções, sentimentos e afeições”. (GEERTZ, 1986). Outra questão importante na citação acima é a ligação que é feita entre a Irmã Ambrósia e o Padre Nivaldo, que atendeu a Paróquia Exaltação de Santa Cruz entre os anos de 1989 até 2008. Foram dezenove anos atendendo a mesma comunidade, dedicando muita atenção à causa do Monumento da Irmã Ambrósia. Devido ao tempo que este padre ficou na Paróquia, o povo sentiu muito quando ele foi transferido para a cidade de Cantagalo, na qual veio a falecer no ano seguinte, em 2009 em um acidente automobilístico. Em toda a conversa com a senhora Paulina Waligura, nota-se a forma com que ela se refere às Irmãs e também aos padres, tanto do passado, bem como no presente, enfatizando a atenção que os mesmos continuam prestando à comunidade.

Por meio do exposto até o momento, compreende-se a importância que a religião teve no passado e ainda mantém-se proeminente na contemporaneidade. Aponta-se então, que cada grupo ou sociedade possui conjunto de crenças, valores e normas de comportamento que acaba sendo passado a gerações. Desse modo, nota-se que a espiritualidade e religiosidade ainda continuam perpetuando-se mediante a fé que há no local onde se encontra o

monumento da Irmã Ambrósia.

O universo simbólico norteado pela dimensão da religião e das tradições ajuda as pessoas a expressarem um estilo de vida a partir de signos e valores de uma coletividade. O lugar sagrado possui relação com a cultura, bem como acaba reforçando sua unidade e identidade. Assim, o sentimento religioso, o fervor místico e o mistério que está presente nesses locais podem adquirir segundo Rosendhal (2008) uma dimensão transcendente, ou seja, a experiência da fé e a comunidade de indivíduos que acreditam e participam dessa memória histórica, acabam enfatizando a identidade religiosa.

A senhora Helena Wierzikowski, moradora próxima ao monumento, conta que tinha quatorze anos quando ocorreu o incêndio em Rio das Antas, sendo que ela ainda morava em Mallet, com seus pais. Segundo ela, a notícia do incêndio do orfanato se espalhou pela região, e todo mundo ficou sabendo da tragédia. Quanto à memória da Irmã Ambrósia que ainda permanece viva na comunidade, ela aponta que: “Eu acho porque ela é muito poderosa, ela não merecia ser queimada, ela era muito boa, fazia tudo bem, cuidava das crianças e ela era muito boa por isso ali aconteceu e ninguém sabe por que ninguém sabe quem pôs esse fogo” (WIERZIKOWSKI, 2012). A senhora Helena afirma que sua nora, que mora em Castro, estava com sua filha doente e recebeu uma graça da Irmã Ambrósia.

As entrevistas concedidas foram muito ricas em função dos detalhes que são contados pelas pessoas que vivenciaram o incêndio do orfanato em 1943. Segundo Le Goff (2003) “[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.” (LE GOFF, 2003, p.469). Portanto, o Monumento da Irmã Ambrósia é a história viva na sociedade, ou seja, a comunidade vê parte significativa do seu passado e ali é depositado um valor afetivo. Através da memória as informações passadas serão preservadas para a posteridade.

No dia trinta de maio de 2008, teve início o processo de beatificação da Irmã Ambrósia. Este processo foi iniciado, de acordo com padre Irineu Vaselkoslki, em função das orações do povo, que pedia ajuda pela intercessão da Irmã Ambrósia e das seis crianças vítimas do incêndio de 1943. O atual pároco ressalta ainda que o Padre Nivaldo Koslinski (*in memoriam*), também orientava o povo que rezasse pedindo graças pela intercessão da Irmã Ambrósia, sendo que foi nesse tempo que surgiram os primeiros casos de cura e

outras graças recebidas pelas pessoas. No último dia cinco de maio de 2012 ocorreu em Rio das Antas o quarto encontro para a beatificação da Irmã Ambrósia.

Há realmente uma grande preocupação em conservar viva a história do incêndio do Colégio, bem como a vida da Irmã Ambrósia. Isso se torna evidente na recente capela que foi construída, próxima ao monumento. Trata-se de uma espécie de memorial dedicado às vítimas da tragédia de 1943, pois ali se encontram as imagens do orfanato que foi incendiado, o retrato da Irmã e das meninas, flores e um pequeno oratório. De acordo com Nora (1993), “[...] o lugar de memória é um lugar duplo, fechado sobre sua identidade, mas aberto sobre a extensão de suas significações.” (NORA, 1993, p.27). Esse lugar de memória permite em certa medida, a cristalização da lembrança e consequentemente sua transmissão, pois este espaço está repleto de significado e envolto sob um grande simbolismo religioso. Em função da paisagem serena e tranquila no qual o Monumento da Irmã Ambrósia está inserido, este se transforma num lugar de refúgio e de oração para os fiéis que acreditam e possuem fé neste espaço sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão deste tema é relevante, por estar ligada a valores e crenças de grupos sociais, que recorrem aos símbolos religiosos procurando, a partir destes, explicações para acontecimentos muitas vezes abstratos, pois o monumento ao qual se faz referência nesta pesquisa demonstra a fé que se criou através desse local, na mentalidade de uma coletividade e acima de tudo as relações que se criaram nesse contexto. Em outra perspectiva buscou-se analisar o monumento da Irmã Ambrósia como um espaço de memória, pois foi construído para que a atitude de amor demonstrada por ela não seja esquecida e sua memória seja preservada. Para finalizar, é relevante mencionar que, por mais globalizado que o mundo esteja, as pessoas ainda buscam ajuda em locais sagrados como, por exemplo, o Monumento da Irmã Ambrósia.

Este trabalho se torna relevante por trazer aspectos sobre a história da comunidade de Rio das Antas e do município de Cruz Machado, bem como a memória que precisa ser preservada, uma vez que ela está ligada à identidade do grupo, devido a acontecimentos vividos pela coletividade, à qual as pessoas se sentem pertencer. Para finalizar é interessante destacar uma frase de Pierre Nora (1993) “[...] é a memória que dita e a História que escreve.” (NORA,

1993, p.24). Além de espaço de memória, identifica-se através do Monumento da Irmã Ambrósia o seu caráter histórico, religioso e simbólico que conserva seu significado na sua existência intrínseca.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3.ed., São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas: a religião como um sistema cultural**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GLENISSON, Jean. **Introdução aos estudos históricos**. São Paulo: Difel, 1986.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Guia básico de educação patrimonial**. IPHAN. 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4.ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, 1993.

MACHADO, Wanderley Imigração. TRICHES, Rita Inocência; REZENDE, Cláudio Joaquim (Org). **Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Bagozzi, 2005.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

PACHECHENIK, Josafata. **A serva que amou até o fim: Irmã Ambrósia Ana Sabatovycz**. Curitiba, 2006.

ROCKENBACH, Irene. **Dados históricos e memórias de Cruz Machado**. Cuiabá:[s.ed], 1996.

ROSENDAHL, Zeny. A identidade religiosa na perspectiva geográfica: os lugares sagrados. IN: MANOEL, Ivan A; ANDRADE, Solange Ramos de.

(Org). **Identidades religiosas**. Franca: UNESP-FHDSS; Civitas, 2008.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

SERVAS de Maria Imaculada - **Revista comemorativa 100 anos de presença e missão das Irmãs no Brasil**. Curitiba: Midiograf, 2011.

Entrevistas

VASELKOSKI, Irineu. Pároco da Paróquia Exaltação da Santa Cruz. Rio das Antas Cruz Machado. Depoimento escrito. Cruz Machado, 2012.

WALIGURA, Paulina Bogonos. Entrevista. Cruz Machado, 2012.

WIERZIKOWSKI, Helena. Entrevista. Cruz Machado, 2012.

Submetido em: 10/08/2012 - Aprovado em: 06/11/2012